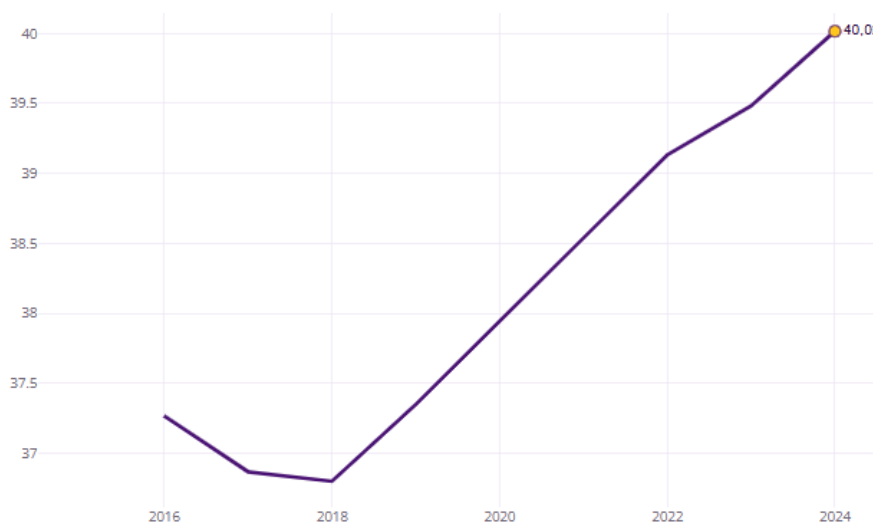


Os desafios da Juventude no Brasil: entre a escola e o trabalho, os avanços da inserção ocupacional e o risco de interrupção da formação

Emerson Braz

Os indicadores recentes apresentam uma transformação importante e dual para a juventude no Brasil, especialmente em relação a educação e a inserção no mercado de trabalho. Em algumas faixas, a tendência observada é o aumento da proporção de jovens ocupados que não frequentam a escola. Paralelamente, observa-se relativa estagnação da participação em cursos de qualificação profissional e recuo recente da frequência em cursos de formação técnica de nível médio. Em conjunto, os dados sugerem um cenário ambíguo: por um lado, há evidências de maior inserção produtiva da juventude; por outro, surgem sinais de que parte dessa integração ao mercado de trabalho pode estar ocorrendo sem expansão equivalente da qualificação profissional. Vejamos as relações a seguir.

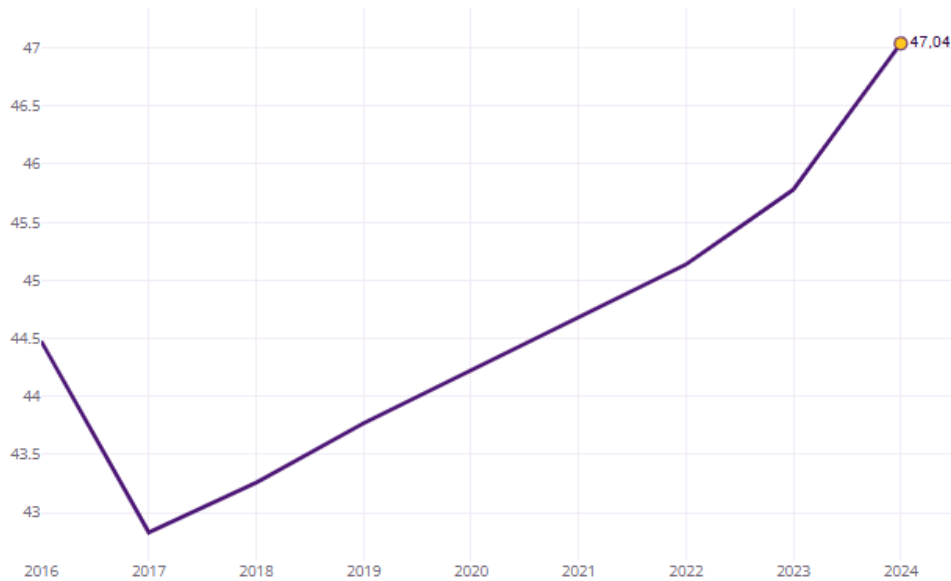
Jovens ocupados e não frequentando a escola (Brasil e Grandes Regiões)



Fonte: IBGE | Elaboração: RISO

A série de jovens ocupados e não frequentando escola alcançou 40,02% em 2024 (último valor da série histórica), maior valor de toda a série observada, com crescimento de 1,35% em relação ao ano anterior. Desde o mínimo de aproximadamente 36,8% em 2018, o indicador apresenta trajetória praticamente contínua de crescimento, acumulando expansão superior a três pontos percentuais. Entre os homens, o movimento é ainda mais pronunciado: o indicador atingiu 47,04%, também o maior valor da série, registrando aumento de 2,75% no último ano. A trajetória masculina mostra crescimento praticamente ininterrupto desde 2017, quando o indicador se encontrava próximo de 42,8%.

Jovens ocupados e não frequentando escola - homem



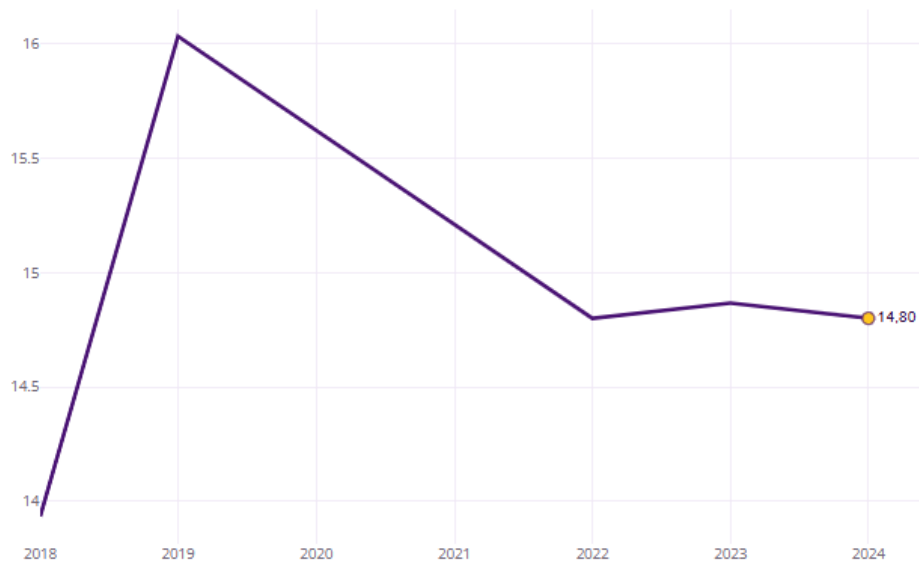
Fonte: IBGE | Elaboração: RISO

Em uma primeira leitura, esse resultado pode ser interpretado como sinal positivo. Em contextos de maior dinamismo econômico, fruto de crescimentos do produto por volta de 3% em média nos últimos 4 anos e com melhora no rendimento médio, o aumento da ocupação juvenil tende a representar ampliação de oportunidades de inserção produtiva, aquisição de experiência profissional e geração de renda própria. O trabalho frequentemente constitui um dos principais mecanismos de inclusão econômica, especialmente para jovens oriundos de famílias de menor renda, permitindo maior autonomia financeira. Contudo, bons resultados do lado da ocupação não podem deixar de acompanhar bons resultados acerca da inserção no ambiente educacional e de maior qualificação do indivíduo.

Essa distinção é fundamental. Quando a entrada no emprego ocorre após a conclusão de ciclos educacionais acompanhados por formação técnica e/ou superior, o impacto tende a ser positivo para a produtividade e para melhores ganhos. Por outro lado, quando o trabalho substitui precocemente a escolarização, os ganhos imediatos podem ser acompanhados por perdas permanentes de capital humano, reduzindo oportunidades futuras

Essa preocupação ganha relevância quando observados os indicadores de formação profissional. A proporção de pessoas com 14 anos ou mais que frequentaram curso de qualificação profissional atingiu 14,80% em 2024, apresentando leve queda de -0,45% em relação ao ano anterior. Após atingir aproximadamente 16% em 2019, o indicador recuou e permaneceu praticamente estagnado nos anos subsequentes.

Pessoas de 14 anos ou mais que frequentaram curso de qualificação profissional (Brasil e Grandes Regiões)

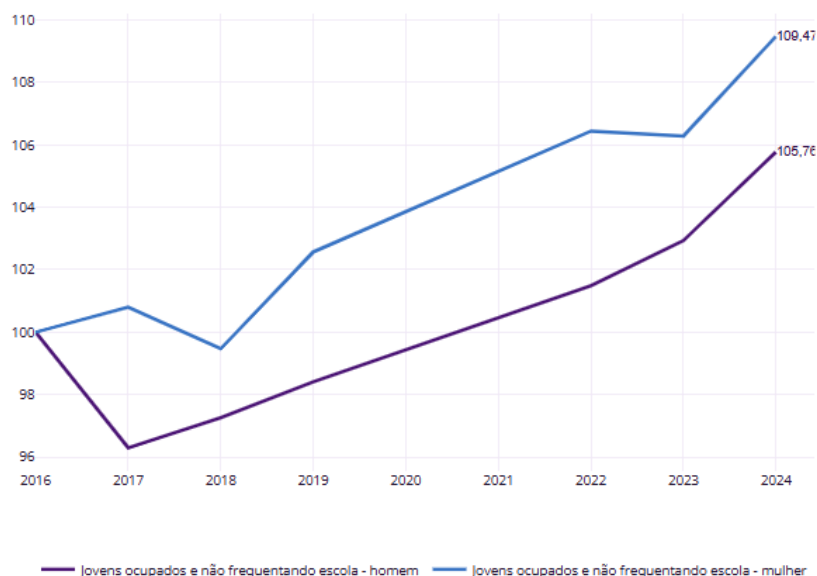


Fonte: IBGE | Elaboração: RISO

A combinação desses resultados levanta uma questão: os jovens estão acessando empregos mais qualificados ou estão antecipando sua entrada no mercado de trabalho sem ampliar sua formação? Os dados não permitem concluir, contudo, existe forte indício de uma tensão relevante entre inserção ocupacional e acumulação de capital, por meio da busca por mais ganhos monetário, e de capital humano.

O comportamento dos indicadores femininos acrescenta uma dimensão social importante similar, ao passo que. A proporção de **jovens mulheres ocupadas e que não frequentam escola** subiu para **29,47% em 2024**. O gráfico a seguir exhibe a relação por gênero, em que os homens tem 17,46% a mais de participação em relação a estarem ocupados e não frequentarem escola.

Jovens homens e mulheres ocupados e que não frequentando a escola – Índice de base 100 = 2016



Fonte: IBGE | Elaboração: RISO

Sob a perspectiva do desenvolvimento, os dados sugerem melhora parcial dos mecanismos de inclusão juvenil no mercado de trabalho. O aumento da ocupação e a redução da inatividade entre jovens mulheres indicam maior integração ao mercado de trabalho. Contudo, os indicadores de qualificação e educação técnica introduzem uma importante limitação. Economias que conseguem transformar crescimento em desenvolvimento sustentável normalmente ampliam simultaneamente emprego e qualificação. Quando a inserção ocupacional avança mais rapidamente que a formação profissional, existe o risco de consolidação de trajetórias ocupacionais concentradas em segmentos de menor produtividade e menor remuneração.

Sem expansão da qualificação profissional, torna-se mais difícil elevar a complexidade econômica. Também é importante que, alinhado à políticas de valorização da qualificação profissional, que o jovem também se enxergue e tenha oportunidades criadas pelo Estado para que os empregos possuam maior inserção tecnológica e especialização. Assim, embora os dados apontem melhora da inclusão produtiva, eles também sugerem que a dimensão educacional pode não estar acompanhando integralmente esse movimento. A principal oportunidade consiste em aproveitar esse momento de maior inserção laboral para fortalecer trajetórias de qualificação contínua. O principal desafio é evitar que a entrada precoce no mercado de trabalho resulte em abandono educacional ou em inserção permanente em ocupações de baixa produtividade.